

A FATURA DE EDIÇÕES CRÍTICAS A PARTIR DE MANUSCRITOS AUTÓGRAFOS

Fernando Marvitor Duque Portela¹²¹
(UESB/Fapesb)

Marcello Moreira¹²²
(UESB)

RESUMO

Visa-se a discutir os critérios para a fatura de edições críticas cuja tradição de base seja constituída de manuscritos autógrafos. Como se sabe, os manuscritos autógrafos apresentam grande diversificação, indo desde pequenas notas em cadernos até versões integrais da obra. Durante os últimos anos, a crítica genética tem se apropriado dos autógrafos com o objetivo de tentar traçar um perfil do processo criativo de um autor. Aqui, objetiva-se discutir se é pertinente ou não a aplicação de critérios neolachmannianos para o tratamento filológico de manuscritos autógrafos com vistas a fixar o texto genuíno, com exclusão simultânea de todos os outros testemunhos, mesmo sendo eles originais.

PALAVRAS-CHAVE: Edição Crítica; Manuscrito Autógrafo; Nova Filologia; *Restitutio Textus*; Edição Sinóptica.

INTRODUÇÃO

A edição de textos autógrafos apresenta uma série de problemas que merecem uma mais detida consideração. Como se sabe, a existência de manuscritos autorais deveria afastar quaisquer dificuldades no que concerne à edição de uma obra literária, pois bastaria editá-los tal como o autor no-los legou. Mas, como escolher, dentre a massa de documentos autorais, qual deve ser dado ao prelo? Se é verdade que um testemunho autógrafo único não põe muitas questões ecdóticas ao filólogo, o mesmo não acontece quando a tradição

¹²¹ Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Bolsista do Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

¹²² Prof. Dr. de Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, DELL, Estrada do Bem Querer, Km 4, Vitória da Conquista, Bahia.

textual é constituída de um grande número de manuscritos autógrafos, que representam várias etapas redacionais ou ainda várias redações de uma mesma obra, se é que é pertinente, neste último caso, falar ainda de uma mesma obra. Os filólogos lachmannianos, para estabelecer princípios que deveriam balizar a fatura de uma edição crítica, afirmaram que, em caso de tradições constituídas de vários manuscritos autógrafos, dever-se-ia editar e dar a público somente aquela “versão” que representasse a última vontade do autor, o que implicaria pôr no olvido todas as outras versões ajuizadas etapas para o telos que seria o texto “último”, embora as etapas “prévias” pudessem, de um ponto de vista artístico, ser consideradas superiores ao texto dito genuíno.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi levada a termo do modo que segue. Primeiramente, fez-se um rigoroso levantamento bibliográfico respeitante às teorias da edição. Os livros e artigos listados por nós eram aqueles que se publicaram no Brasil durante os últimos cinquenta anos e se averiguou também quais dentre eles eram os mais citados. Após verificação dos mais usados pelo público acadêmico, selecionou-se o grupo de textos que são representativos da teoria lachmanniana e que têm servido de base para o aprendizado da crítica textual no Brasil. Não há dúvida de que “Introdução à Edótica”, de Segismundo Spina”, “Iniciação em Crítica Textual”, de Leodegário A. de Azevedo Filho, “As Cantigas de Pero Meogo”, do mesmo autor, “Introdução à Textologia”, de Roger Laufer, “Introdução à Crítica Textual”, de César Nardelli Cambraia, e “Para Segismundo Spina”, organizado por Heitor Megale, são os manuais e estudos mais empregados em estudos filológicos brasileiros para dar embasamento teórico às propostas editoriais. Em todos os estudos supracitados, propõe-se, para a fatura de uma edição crítica calcada em uma tradição em que abundem os manuscritos autógrafos,

a consideração, como texto de base, da versão que substancie a última vontade do autor. Os textos autorais, não ajuizados genuínos, são chamados, por exemplo, por Segismundo Spina, textos legítimos, embora sem valor ecdótico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não se pergunta, entre os praticantes do lachmannismo, se aquilo que eles consideram como etapas redacionais não deveria ser considerado na verdade como obras autônomas e que poderiam ser publicadas em concorrência com a edição do texto dito genuíno. Muita vez, o número de variantes adiaforas é tão grande, que não se pode simplesmente afirmar que temos diante de nós apenas a varia lectio de uma mesma obra. É preciso escrutinar a idéia de obra e de autor no século XIX, para poder estabelecer com maior rigor critérios para a fixação crítica de textos. Não seria possível postular uma edição sinóptica de obras em que abundassem as variantes adiaforas? Nos últimos anos, principiou-se a editar sinópticamente obras longas, como é o caso de *Ulisses*, de James Joyce, já que se constatou a relativa independência dos manuscritos autógrafos que nos transmitiram o referido romance. No Brasil, não há exemplos de edições sinópticas, pois aqui ainda impera a idéia da fatura de um texto acabado, que melhor representasse o texto autoral final. A edição do conjunto de textos autógrafos pode permitir, também, para além da publicação das versões integrais de uma mesma obra, aquela dos textos ditos preliminares, que se compõem de rascunhos, tomadas de notas, ensaios de escritura, dentre outros. Não se objetiva aqui propor um percurso criativo, matéria de investigação para o pesquisador filiado à crítica genética, mas fornecer ao leitor material para que ele tenha notícia do ofício de escritor, muito distante das ideias de gênio que ainda hoje em dia circulam.

CONCLUSÕES

Propomos, para a edição das poesias dos românticos brasileiros, preservadas em múltiplos manuscritos autógrafos, a edição sinóptica dos poemas, para que se possa dar ao público leitor de hoje uma idéia da instabilidade do texto poético.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO FILHO, L. A. de. **Iniciação em Crítica Textual**. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

AZEVEDO FILHO, L. A. de. **As Cantigas de Pero Meogo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à Crítica Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LAUFER, R. **Introdução à Textologia**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SPINA, S. **Introdução à Edótica**. São Paulo: Ars Poetica/Edusp, 1994.